

As Museologias de Maria Thetis Nunes: entre museus para o esquecimento e performances museais afetivas

Clóvis Carvalho Britto*

Resumo

Este artigo sistematiza algumas das diferentes Museologias mobilizadas por Maria Thetis Nunes (1923-2009), explicitando sua formação e atuação que privilegiaram, ao mesmo tempo, museus compromissados com o esquecimento e performances museais afetivas. Para tanto, se respaldou em uma metodologia qualitativa que articulou revisão de literatura, pesquisa documental no Fundo Thetis Nunes do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em Aracaju, e nos documentos do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, além do depoimento de Isabelita dos Patins que trabalhou com Thetis Nunes no Centro de Estudos Brasileiros em Rosário, na Argentina. Essas distintas fontes contribuíram para evidenciar os trânsitos entre Museologias plurais como marcas de sua trajetória e do seu legado.

Palavras-chave: Maria Thetis Nunes, Museologias, Performances museais.



* Doutor em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Professor no curso de Museologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

The Museologies of Maria Thetis Nunes: between museums for oblivion and affective museums performances

Las Museologías de Maria Thetis Nunes: entre museos para el olvido y performances museísticas afectivas

Abstract

This paper systematizes some of the different Museologies mobilized by Maria Thetis Nunes (1923-2009), explaining her formation and performance that favored, at the same time, museums committed to oblivion and affective museums performances. To do so, it was based on a qualitative methodology that articulated a literatura review, documentar research at Fundo Thetis Nunes of the Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, in Aracaju, and documents from the Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, at the Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, in addition to the testimony of Isabelita dos Patins who worked with Thetis Nunes at the Centro de Estudios Brasileños in Rosário, na Argentina. These different sources contributed to highlight the transits between plural Museologies as marks of its trajectory and legacy.

Keywords: Maria Thetis Nunes, Museologies, Museums Performances.

Resumen

Este artículo sistematiza algunas de las diferentes Museologías movilizadas por Maria Thetis Nunes (1923-2009), explicando su formación y actuación que favoreció, al mismo tiempo, los museos comprometidos con el olvido y las performances museísticas afectivas. Para ello, se basó en una metodología cualitativa que articuló revisión de literatura, investigación documental in el Fundo Thetis Nunes del Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, en Aracaju, y documentos del Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, en la Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, además del testimonio de Isabelita dos Patins quien trabajó con Thetis Nunes en el Centro de Estudios Brasileños en Rosario, Argentina. Estas diferentes fuentes contribuyeron a resaltar los tránsitos entre Museologías plurales como marcas de su trayectoria y legado.

Palabras clave: Maria Thetis Nunes, Museologías, Performances museísticas.



Introdução

Em 2023 é comemorado o centenário de nascimento da museóloga e historiadora Maria Thetis Nunes. Pioneira em múltiplos campos do conhecimento, tem sido justamente homenageada com uma série de vigilâncias comemorativas, a exemplo da instituição de 2023 como Ano Cultural Maria Thetis Nunes pela Assembleia Legislativa de Sergipe, da recente reedição de sua obra pela Editora da Secretaria de Educação e Cultura de Sergipe e do Dossiê “Maria Thetis Nunes (1923-2009): história, memória e historiografia” na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe* (Edição n. 53/2023, volume 1), cujo intuito é reunir estudos e memórias sobre sua trajetória de vida e legado intelectual. Trata-se, pois, de um investimento social em prol da “produção de um legado [que] implica na atualização constante do conteúdo que lhe é atribuído, bem como na afirmação da importância de sua rememoração” (HEYMANN, 2004, p. 3).

Nesse aspecto, compreendemos como vigilância comemorativa um conjunto de celebrações e ritos visando encenar a permanência de determinados fatos e personagens, do modo como Pierre Nora (1993) destacou ao problematizar como os lugares de memória nascem do sentimento de que não existe memória espontânea. Para o historiador, a criação de museus, a organização de celebrações e o estabelecimento de registros mantêm a vitalidade dos lugares de memória: “sem a vigilância comemorativa a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. [...] É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos” (NORA, 1993, p. 13).

O termo vigilância se origina do latim *vigilantia*, de *vigilare*, a partir das noções de vigília e de diligência, de cuidado e de controle. Portanto, as efemérides consistem em uma forma de vigilância comemorativa visando controlar o esquecimento. Nessa interpretação, ao aproximarmos do termo comemoração, do latim *commemorare*, que consiste em solenizar a recordação de algum fato ou pessoa, o conceito de vigilância denotaria a noção de diligência e de cuidado com a memória e a necessidade de constantes reatualizações deste legado (Cf. BRITTO, 2022)



Noé Freire Sandes (2011), quando estudou as apropriações posteriores em torno de uma memória da Independência do Brasil construída em meados do século XIX e sua reelaboração na ocasião das celebrações de seu centenário, delineou a expressão “cerco comemorativo”. Para ele, esse “cerco” delimitaria, mas também projetaria um conjunto de imagens sobre o fato ou o personagem solenizado. As vigilâncias comemorativas seriam, portanto, resultado de protocolos e rituais que emergem em torno deste “cerco”, o que, na longa duração, garantiriam “a circulação, a reelaboração e a vitalidade de uma data, transformando-a em efeméride. [...] a constante atualização das vigilâncias consiste em um processo que fabrica a visibilidade e a legitimidade da comemoração” (BRITTO, 2022, p. 5), o que consagraria a data pelo grau de reconhecimento acumulado.

Desse modo, um dossiê no âmbito do centenário de Maria Thetis Nunes se soma a diversas vigilâncias em prol da comemoração e diligência de seu legado, contribuindo para que, de algum modo, ela seja fruto de um processo de monumentalização, integrando seu nome ao patrimônio de um grupo, tornando-se, ela própria, um monumento (ABREU, 1994). Isso é emblemático quando lembramos que Thetis Nunes presidiu o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe entre 1972 e 2003, tendo sua trajetória imbricada a esta instituição e auxiliado em diversos processos de monumentalização por meio da criação e comemoração de efemérides, da produção de textos seminais para a história de Sergipe, da elaboração de estudos biográficos que vitalizaram o reconhecimento de diversos nomes, da preservação do museu, da pinacoteca, da biblioteca e do arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, dentre diversas outras ações.

O caso do arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe é emblemático. A criação do Fundo Thetis Nunes consistiu em significativa estratégia de monumentalização: ele é composto de 916 documentos, a exemplo de artigos, entrevistas, matérias de jornais e iconografia organizados cronologicamente e abrangendo o período de 1953 a 1997. Além disso, recentemente a Resolução n. 1/2022 do Instituto definiu a Política de Desenvolvimento do Arquivo e, a partir daquele momento, o fundo arquivístico recebeu o nome de Arqui-



vo Central Maria Thetis Nunes, reunindo milhares de documentos financeiros, administrativos, de sócios, além dos acervos pessoais da própria Thetis Nunes e de diversos outros intelectuais sergipanos.

Nesse aspecto, é fundamental considerar as estratégias que a própria Thetis Nunes empreendeu visando arquivar sua própria vida (ARTIÈRES, 1998) e dos diferentes herdeiros simbólicos que promovem a circulação da energia social em torno de seu nome. Os documentos de seu arquivo pessoal por ela colecionados consistem em exemplo dessa operação: “sobretudo, artigos publicados por Thetis Nunes desde a primeira metade do século XX, como também artigos e notícias que ela colecionou ao longo de sua vida” (OLIVEIRA, 2014, p. 1). Também é importante sublinhar que na coleção destacam matérias de jornais relacionadas à sua vida pública, privilegiando a sua atuação como historiadora (SANTOS, 1999).

Na verdade, ao visualizarmos sua trajetória e legado, é inegável sua monumentalização no campo da História, em especial no âmbito da historiografia em Sergipe. Não sem motivos é reconhecida por Antônio Fernando de Araújo Sá (2023) como a “principal historiadora sergipana do século XX, [...] referência incontornável para os assuntos para os quais se debruçou” (p. 1); por Ibarê Dantas (2012) como uma “historiadora voltada para a construção da identidade do sergipano” (p. 366); e por Samuel Albuquerque (2023) quando afirmou “além de referência fundamental para os estudos de História de Sergipe, a obra de Thetis se tornou objeto dos estudos de História da Historiografia Sergipana” (p. 8).

Apesar desse reconhecimento no campo da História, ou talvez em decorrência desse fato, constatamos um silenciamento de Thetis Nunes na Museologia, outro campo do conhecimento em que se tornou pioneira (BRITTO, 2014). Problematizamos em que medida a própria Thetis e outros agentes optaram por um apagamento deliberado de seus rastros no campo museológico:

Possivelmente, os pesquisadores se depararam com a dispersão e/ou o discurso da escassez de fontes, fatores que obstaculizaram o processo empírico de busca e a tessitura da narrativa. Todavia, tais silên-



cios podem ter sido deliberadamente construídos pela própria agente e por seus herdeiros legais e simbólicos dentre outros motivos, por exemplo, em virtude da Museologia ainda não ter atingido o mesmo prestígio de Clio no campo de produção simbólico. Questão compreensível na medida em que ainda hoje a Museologia tem seu estatuto científico colocado em xeque por alguns agentes, discussão mais acirrada na década de 1950, época em que Thetis Nunes estudou, quando era vislumbrada apenas como um saber técnico estampado, inclusive, na proposta inaugural de seu berço formador: um Curso Técnico em Museus, reformulado para a obtenção do mandato universitário (BRITTO; DANTAS; SANTOS JÚNIOR, 2018, p. 25).

74

Constatação paradoxal quando percebemos que, em diversos textos, Thetis Nunes problematizou o silenciamento em torno de outros nomes no campo intelectual sergipano. No texto “O Brasil Nação, de Manoel Bonfim, na historiografia brasileira”, destacou como a obra desse autor estava esquecida, citando o pensamento de Vamireh Chacon que corrobora com essa ideia: “fazem questão de escondê-lo; até o negam, em público, por medo de que ele seja assim descoberto. Muito mais eficiente é o silêncio que caiu sobre sua pessoa e sua mensagem” (NUNES, 1997, p. 1). De modo similar demarcou esse sentimento ao investigar a trajetória do pintor Horácio Hora no texto “Horácio Hora, o esquecido pintor romântico”. Thetis apontou com pesar a “onda de silêncio” que envolveu a vida e a obra do artista e celebrou a criação da Galeria Horácio Hora que, em suas análises, seria “uma lembrança feliz que esperamos concorra para lembrar esse grande esquecido que, entre nós, tem sido Horácio Hora” (NUNES, 1974, p. 1).

Em 2014 percebemos que Maria Thetis Nunes também estava envolta dessa “onda de silêncio” no campo da Museologia, tornando-se, assim como denunciou em diversos textos sobre seus conterrâneos, uma “grande esquecida” (BRITTO, 2014). Até aquele momento, identificamos na fortuna crítica sobre Thetis Nunes três trabalhos que possuíam brevíssimas menções sobre sua formação no Curso Técnico em Museus, do Museu Histórico Nacional: a bio-

grafia escrita por Maria Nely Santos (1999), que cita apenas três vezes o termo Museologia; o livro de Ivan Coelho de Sá e Graciele Siqueira (2007), que a menciona entre os formandos no Curso de Museus e apresenta um resumo de sua atuação no campo da História; e o artigo de Thiago Fragata (2009), que, por sua vez, sublinha que “conquistou o título de museóloga, mas nunca se apresentou ou executou trabalho na área” (p. 19).

Tais indícios contribuíram para que pesquisássemos, juntamente com os museólogos Rafael Jesus da Silva Dantas e Roberto Fernandes dos Santos Júnior, os itinerários de Thetis Nunes no campo da Museologia. A pesquisa resultou na obra *Sob os véus de Mnemosyne: a imaginação museal de Maria Thetis Nunes* (BRITTO; DANTAS; SANTOS JÚNIOR, 2018), em que detalhamos a sua formação no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, entre 1957 e 1959; a sua atuação no campo da Museologia como diretora do Centro de Estudos Brasileiros, em Rosário, na Argentina, entre 1961 e 1964; e as suas ações museológicas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em Aracaju, entre 1972 e 2003.

Se naquele contexto nosso intuito era evidenciar os silêncios e identificar os indícios de sua atuação no campo da Museologia, neste artigo sistematizaremos algumas das diferentes Museologias (BRITTO, 2019) mobilizadas por Maria Thetis Nunes, explicitando a formação e a atuação que privilegiaram museus silenciadores ou compromissados com o esquecimento, mas cujas experiências posteriores também gestaram performances museais afetivas (BULHÕES, 2017). De acordo com Girlene Chagas Bulhões (2017), o museu silenciador é “aquele que marginaliza ou cala centros importantes para suas narrativas, mesmo sendo conhecedor ou possuidor de objetos representativos de suas culturas; tendo como principal parâmetro para os recortes que faz, pré-conceitos” tendo como “base para suas performances estereótipos reducionistas e discriminatórios” (p. 44). Já museus e performances museais afetivas “não se encerram em si mesmas. Renovam. Inovam. Revitalizam. Nos Transportam e Transformam. Confiam nas parcerias. Não estabelecem juízos de valores, não pré-julgam, não hierarquizam” (BULHÕES, 2017, p. 148).



Para esse esboço das Museologias que atravessaram Maria Thetis Nunes, optamos por uma metodologia qualitativa que articulou revisão de literatura, pesquisa documental no Fundo Thetis Nunes do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em Aracaju, e nos documentos do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, além do depoimento da *drag queen* Isabelita dos Patins, nome artístico de Jorge Omar Iglesias, que trabalhou com Thetis Nunes no Centro de Estudos Brasileiros em Rosário, na Argentina, construindo uma sólida amizade¹. Essas distintas fontes evidenciam os trânsitos de Thetis Nunes entre Museologias plurais que contribuem para compreender o modo como mobilizou “[...] a Museologia oficial, reconhecida por ser praticada dentro de um campo profissional delimitado e submetido a regras específicas” (BRULON, 2018, p. 27) e, em outros momentos, como flertou com perspectivas epistemológicas que levaram “[...] à invenção de novos usos da imaginação e do pensamento” (p. 32) nos campos da Museologia e das heranças culturais.

76



Bolsista de Sergipe no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (1957-1959)

Maria Thetis Nunes se graduou no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, tornando-se conservadora de museus ou museologista, nome dado naquele contexto aos profissionais de Museologia (entendida como técnica de museus). O curso havia sido criado pelo Decreto Presidencial n. 21.129, de 7 de março de 1932, vinculado à direção do Museu Histórico Nacional, e era profundamente relacionado à trajetória do intelectual Gustavo Barroso, diretor do curso e responsável pela disciplina de técnica de museus, destinada ao estudo da Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração de coleções (SÁ, 2007). De acordo com Ivan

1 Agradeço a generosidade de Isabelita dos Patins pela cessão da entrevista e ao pesquisador Jean Costa Souza pela intermediação do contato. Também agradeço ao professor Dr. Ivan Coelho de Sá e a professora Dra. Monique Batista Magaldi pelo acesso aos documentos de Maria Thetis Nunes sob a guarda do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil.

Coelho de Sá (2007), com a reforma de 1944 o curso assumiu como objetivo a formação de conservadores de museus históricos e artísticos ou de instituições análogas, teve sua formação ampliada de dois para três anos, implantou o vestibular para ingresso e a figura do aluno bolsista. Em 12 de julho de 1951, um convênio firmado entre o Museu Histórico Nacional e a Universidade do Brasil permitiu que o curso obtivesse mandato universitário, sendo reconhecido como um curso superior.

O Curso de Museus contribuiu para a autonomização do campo dos museus e da Museologia, compreendida como Museografia ou ciência dos museus, todavia delineando aquilo que Mario Chagas (2003) resumiu como “o museu do dedo em riste”, caracterizado como “espaço de guarda da história autêntica e território romântico do passado nacional” (p. 114); e o que Clovis Carvalho Britto (2019) definiu como “o museu a serviço das coleções”, caracterizado por tendências de pensamento positivistas, evolucionistas e por algumas vertentes funcionalistas. É nessa perspectiva museológica – povoada pela técnica de museus – que Maria Thetis Nunes se formou.

Thetis Nunes foi dispensada do vestibular, sendo matriculada (Figura 1) em 18 de março de 1957, mediante um ofício de Leandro Maynard Maciel, então Governador de Sergipe, que a apresentou como bolsista daquele estado. Segundo Raquel Seoane (2016), “destinadas a candidatos residentes fora do Rio de Janeiro, as bolsas eram preferencialmente oferecidas a servidores públicos, estaduais e municipais, com atuação em museus” (p. 4). Thetis foi a única bolsista pelo estado de Sergipe no Curso de Museus, recebendo quatro mil cruzeiros mensais e duas passagens de avião por ano.



Figura 1: Detalhe da ficha de inscrição de Maria Thetis Nunes no Curso de Museus, 1957.



Fonte: Acervo do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.



As aulas do Curso de Museus ocorriam de segunda a sexta pela manhã, no Museu Histórico Nacional, tendo suas coleções e atividades técnicas como um laboratório para os alunos. A consulta ao histórico de Maria Thetis Nunes, sob a guarda do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, informa que a bolsista de Sergipe teve altas médias nos três anos do curso (respectivamente 97,33; 98,66; e 98,62 pontos), concluindo com média geral final de 98,0 pontos. A partir dos documentos consultados também é possível mapear as disciplinas, os professores e demais atividades realizadas por Thetis Nunes no Curso de Museus.

No primeiro ano do curso, em 1957, Thetis Nunes cursou História do Brasil Colonial com Gustavo Barroso; História da Arte com Anna Barrafato; Numismática com Yolanda Marcondes Portugal; Etnografia com Gerardo Alves de Carvalho; e Técnica em Museus (Parte Geral) com Octávia Correia Oliveira. A consulta ao programa da disciplina de Técnica em Museus evidencia que foram ministrados no primeiro semestre estudos sobre organização de museus,

arrumação (regras e princípios técnicos), catalogação de objetos (numeração, etiquetagem, catálogo e fichário), noções de bibliografia, classificação de livros, catalogação, cronologia histórica e epigrafia. No segundo semestre, Thetis Nunes estudou restauração de pintura (exames prévios, reintelagem, exame da pintura, limpeza de quadros e métodos para extrair verniz), paleografia e diplomática, realizando atividades práticas no Museu Histórico Nacional (Cf. Programa da Disciplina, MHN, 1957).

No segundo ano do curso, em 1958, Thetis Nunes cursou História do Brasil Independente com Gustavo Barroso; História da Arte Brasileira com Gilda Lopes; Numismática Brasileira com Yolanda Portugal; Artes Menores com Mário Barata; e Técnica de Museus (Parte Básica) com Octávia Correia Oliveira. O conteúdo da disciplina Técnica de Museus contemplou heráldica, bandeiras, condecorações, medalhas, arte naval, viaturas, arquiteturas, armaria, indumentárias, mobiliário, cerâmica, cristais, prataria, ourivesaria, instrumentos de suplício e arte religiosa (Cf. Programa da disciplina, MHN, 1958). Naquele ano, Thetis participou do Seminário Regional “A função educativa dos museus”, promovido pela UNESCO no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, se aproximando do debate sobre museus e o campo da Educação.

Em 1959, Thetis Nunes cursou História Militar e Naval do Brasil com Umberto Peregrino; Arquitetura com Ruy Alves Campello; Pintura e Gravura com Ecylla Brandão; Escultura com Nair de Moraes Carvalho; Arqueologia Brasileira com Diógenes Vianna Guerra; Sigilografia e Filatelia com Jenny Dreyfus; e Técnica em Museus (Parte Aplicada relativa a Museus Históricos e Museus Artísticos) com Octávia Correia Oliveira. A consulta ao programa de Técnica em Museus evidenciou a parte aplicada que privilegiou a classificação de objetos, redação de fichas e estudos comparativos. Os documentos permitiram identificar os locais em que as aulas práticas foram ministradas: no Museu Histórico Nacional (Projeção fixa, Galerias, Seção de Restauração e Fichário), no Museu Nacional de Belas Artes (Pinacoteca, Depósito, Seção de Restauração e Fichário), na Igreja da Ordem de São Bento, na Igreja da Ordem do Carmo, na Catedral Metropolitana, na Igreja do Convento do Carmo, na Igreja da Ordem



da Penitência, na Biblioteca Nacional e na Casa da Moeda (Cf. Programa da disciplina, MHN, 1959). Thetis não cursou as disciplinas de Arqueologia Brasileira, Arte Indígena e Arte Popular.

Ainda em 1959, a turma de Maria Thetis Nunes participou de uma viagem de estudos juntamente com alguns de seus professores para as cidades de Ouro Preto, Mariana, Congonhas do Campo e Sabará, em Minas Gerais. Além de Thetis, a turma era composta por Aida Cariello Couto, Astrid Porto Sá, Beatriz Leão Padilha Horne, Ivon Rodrigues de Albuquerque, Margarida Michel, Maria José Lopes Daudt, Maria Margarida Chaves Bittencourt, Nadyr Esteves Dias, Oswaldo dos Santos Dias e Sydney Simons Braga. Os museólogos colaram grau em 8 de janeiro de 1960, em uma cerimônia discreta no Museu Histórico Nacional, em virtude do luto pela morte de Gustavo Barroso, falecido em 3 de dezembro de 1959.

80

No Fundo Thetis Nunes, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o único indício de sua atuação no Curso de Museus consiste no trabalho final da disciplina de Artes Menores, apresentado ao professor Mario Barata em 14 de novembro de 1958. O trabalho analisa o Estilo Império tendo como estudo de caso uma cômoda e uma cadeira do Museu Histórico Nacional. Nele, Thetis Nunes apresenta uma conclusão que tensiona, inclusive, a nomenclatura da disciplina: “não há arte maior ou menor como querem muitos. Há sim, obras de arte onde o belo se manifesta, os estilos se definem”.

Certamente, não é aleatória a presença desse registro mantido como indício de uma relação afetiva. Thetis Nunes, em um raro momento em que mencionou sua formação em Museologia, confidenciou uma informação importante:

Sua vida no Rio de Janeiro também lhe propiciou a realização do curso de Museologia, com o não menos renomado professor Gustavo Barroso. A propósito de Gustavo Barroso, várias vezes me acentuou que ele não se identificava com a sua concepção de História: ‘Nunca nos entendemos. Tive outros professores no Curso de Museus, mas não posso deixar de destacar Mário Barata, a quem devo meu conhecimento de História da Arte’ (SANTOS, 1999, p. 200-201).

Provavelmente essa falta de afinidades diz respeito às divergentes concepções no campo da História. Barroso era integralista e Thetis Nunes possuía uma formação de bases marxistas, impactadas por sua passagem pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). De acordo com Ivan Coelho de Sá (2018), a pouca empatia estaria relacionada ao fato de Thetis ter construído uma sólida carreira como historiadora iniciada antes do Curso de Museus, a não identificação “com a percepção histórica de Barroso, mais romântica que científica” e “uma incompatibilidade ‘ideológica’ em função de suas visões políticas sintonizadas ao ISEB” (p. 78). Em alguma medida é possível cogitarmos que essas divergências também se estendiam à técnica de museus praticada na perspectiva do museu silenciador (BULHÕES, 2017), que marginalizava em seus processos a perspectiva dialética da história e as contradições sociais e econômicas. Isso ganha força quando observamos as reflexões de Renato Ortiz (2008), quando reconheceu o pioneirismo dos intelectuais do ISEB em pensar as diferentes identidades nacionais e as reinterpretações do popular, ou seja, a cultura como instrumento de transformação social. Por outro lado, é oportuno destacar o conhecimento no campo da História da Arte propiciado pelo Curso de Museus, mesmo em perspectiva distinta da problematizada pelo ISEB, que teria impactado Thetis Nunes ao longo de sua trajetória. Não por acaso, no ano em que Thetis foi sua aluna, Mário Barata (1959) publicou um texto em que defendia a importância da “atuação cultural do museu no mundo contemporâneo, para recomendar, nesse enclave, meios para o aproveitamento desse poderoso instrumento de cultura ainda insuficiente explorado no Brasil” (p. 8).

Diretora do Centro de Estudos Brasileiros na Argentina (1961-1964)

Um ano após sua formatura, Maria Thetis Nunes se tornou diretora do Centro de Estudos Brasileiros localizado em Rosário, município da Província de Santa Fé, na Argentina. Maria Nely Santos (1999) informa que Luiz Garcia, então Governador de Sergipe, assinou um decreto em 13 de junho de 1961 colocando Thetis Nunes à



disposição do Ministério das Relações Exteriores para que assumisse a direção do Centro de Estudos Brasileiros, órgão mantido pela Divisão Cultural do Itamaraty. Informa, ainda, que essa disposição teve renovação em 13 de maio de 1962 e em 12 de março de 1964 na gestão dos governadores Dionísio de Araújo Machado e Sebastião Celso de Carvalho:

Era de sua competência: contribuir para estreitar as relações culturais entre brasileiros e argentinos, incentivar o intercâmbio cultural entre os dois países, coordenar e promover cursos e seminários, proferir palestras e conferências, difundindo as potencialidades e perspectivas oferecidas pelo Brasil, participar de solenidades cívico-culturais, acompanhar o cônsul brasileiro em reuniões de trabalho e em recepções diplomáticas vinculadas à sua área de atuação. [...] Palestras, apresentação de corais, recitais de danças e músicas folclóricas. Em 1961, no salão do Museu Municipal de Belas Artes 'Juan B. Castagnino', houve a apresentação da soprano Zulena Castello de Lasola; em 1962, no auditório da Rádio Nacional, aconteceu o recital de canções com músicas folclóricas brasileiras interpretadas pela professora Lavínia Augusta Machado; em 1963, na Escola Normal de Professoras 'Dr. Niccolò Avallaneda' foram apresentadas canções populares pelo Coral de Rosário dirigido por Cristian Hernandez Larguia. Finalmente, em 1964, no auditório da Rádio Nacional, o público foi brindado com um recital de piano a cargo dos concertistas Edgard Spinassi e Hilda Ferrero (SANTOS, 1999, p. 112-113).

O fato é que, devido às especificidades do cargo, Thetis Nunes se aproximou de diversas expressões artísticas e de um maior debate sobre cultura brasileira e folclore no Brasil, lembrando, de algum modo, as discussões sobre essa temática no ISEB e nas aulas de Mário Barata no Curso de Museus. Desse modo é importante destacarmos ações museológicas para além das exposições, a exemplo das atividades artísticas no Museu Municipal de Belas Artes 'Juan B. Castagnino', e a realização de espetáculos cênicos, oficinas, cursos, recitais e exposições sobre diferentes aspectos da



cultura brasileira. Em crônica publicada em 15 de agosto de 1965, Thetis Nunes (1965) destacou que viveu “uma grande experiência na Argentina. [...] Hoje, creio sinceramente no grande trabalho de difusão cultural realizado pelos Centros de Estudos espalhados em quase toda a América Latina. Acredito que o intercâmbio cultural é o mais forte elemento que temos para desaparecer incompreensões e animosidades do passado” (p. 2).

Thetis Nunes se referia às ações realizadas pelo Centro de Estudos Brasileiros como atividades de difusão cultural e democratização por meio das artes. São diversos documentos arquivados no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe relativos a esse período na Argentina: coordenação de cursos, espetáculos, exposições, festivais folclóricos, discursos manuscritos, crônicas e matérias de jornal publicadas em Rosário, muitos deles com marcações à caneta realizadas por Thetis.

Naquela época, o Museu Municipal de Belas Artes era a única instituição museológica existente em Rosário, sendo um dos principais museus argentinos, com aproximadamente quatro mil obras entre pinturas, gravuras e esculturas dos séculos XIX e XX. Thetis Nunes (1965) sublinhou em uma de suas crônicas que em Rosário “as artes plásticas apresentavam um traço marcante e bem definido” (p. 2) e, provavelmente, em virtude desse fato, diversas atividades do Centro de Estudos Brasileiros foram realizadas em parceria com esta instituição. Ainda no âmbito dos museus, Thetis Nunes (1968) destacou que levou para serem exibidos em Rosário alguns objetos do Museu Nacional, do Rio de Janeiro, visando divulgar a cultura brasileira. Embora não tenhamos maiores informações sobre quais peças e onde foram expostas, consiste em um importante indício de como as experiências no campo dos museus e da Museologia a afetavam e eram por ela mobilizadas.

Maria Thetis Nunes realizava pesquisas e comunicações sobre a cultura brasileira no Centro de Estudos Brasileiros, na Universidade Nacional do Litoral e na Rádio Nacional, coordenava cursos de Português, História, Geografia e Literatura Brasileira, além dos de Folclore, Canções e Danças do Brasil. Maria Nely Santos (1999) informou que Thetis Nunes criou um conjunto folclórico para apre-



sentação de músicas e danças, além de um grupo de bumba-meu-boi (ambos sob a direção de Haydee Beltrandi) que se apresentavam em Rosário e Buenos Aires.

A direção do Centro de Estudos Brasileiros contribuiu para que Thetis Nunes se aproximasse de uma concepção de Museologia diferente, particularmente impactada pelas culturas populares e pelo folclore, compreendida nos termos delineados por Girlene Bulhões (2017) como performances museais afetivas. Isso se deveu em um primeiro momento pela necessidade de encontrar formas diferentes de divulgar a cultura brasileira e a força da temática do folclore em Rosário, conforme destacou Thetis Nunes (1965) em uma de suas crônicas: “procuramos aproveitar a estima e o respeito que os argentinos têm pelo folclore. [...] Foram, talvez, os mais belos momentos que lá vivi, os que assisti serem representados com imenso êxito, por argentinos, o jongo, o coco, as danças gaúchas e, especialmente, o bumba-meu-boi” (p. 1).

Esse destaque dado ao bumba-meu-boi não nos passou despercebido. Em consulta ao seu acervo pessoal, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, localizamos o programa do “Festival de Folklore Brasileiro” organizado pelo Centro de Estudos Brasileiros e apresentado no Teatro El Circulo, de Rosário, no dia 13 de dezembro de 1964. O festival consistiu na cerimônia de diplomação dos estudantes e de despedida de Thetis Nunes, que regressaria para o Brasil após três anos na direção do Centro. O programa da apresentação foi dividido em duas partes: a primeira com a execução de canções folclóricas brasileiras e a segunda com a apresentação do bumba-meu-boi (com uma breve explicação dos personagens e os nomes de todos os atores, cantores, instrumentistas e corpo de baile).

Entre os participantes se destacou Jorge Omar Iglesias, que no grupo folclórico representava o boi. Posteriormente, quando se mudou para o Brasil, Jorge Iglesias se tornou internacionalmente conhecida como a *drag queen* Isabelita dos Patins, que gentilmente compartilhou conosco suas memórias sobre o convívio com Maria Thetis Nunes no Centro de Estudos Brasileiros, cujas performances museais impactaram significativamente sua trajetória. Isabelita nos



informou que era criança quando foi convidada por Thetis Nunes para integrar o grupo folclórico, cujos ensaios eram realizados no Centro de Estudos e, posteriormente, graças à intermediação de Thetis, conseguiu emprego no Consulado do Brasil, em Rosário:

Por ironia da vida meus pais se separam e meu pai, eu e meus três irmãos fomos morar na casa de uma tia, irmã dele, que morava na cidade de Rosário. Meu pai me inscreveu em uma escola chamada Estados Unidos do Brasil e comemorávamos no dia 7 de setembro a Independência do Brasil. Foi em um 7 de setembro que eu me apresentei tocando atabaque e outros instrumentos e Dona Maria Thetis Nunes estava presente e me convidou para ir ao Centro de Estudos Brasileiros participar do bumba-meu-boi. Eu era criança e quando perguntei o que eu iria fazer, ela respondeu: ‘Você vai ficar dentro do boi!’. Aí reclamei: ‘Mas ninguém vai me ver!’. Foi quando ela me respondeu: ‘O Boi é o papel mais importante!’. Ensaíamos muito tempo e apresentamos para o Embaixador do Brasil em Buenos Aires e foi um sucesso. No meu último ano do primário, Dona Maria Thetis Nunes como gratidão por eu ter participado do bumba-meu-boi conversou com o adido cultural se ele não conseguiria um trabalho para mim no Consulado do Brasil e lá fiquei até os vinte e um anos de idade. Dona Thetis é sempre homenageada, é tudo na minha vida e foi por meio dela que vim morar no Brasil. Em geral no mês de janeiro, ela vinha de férias aqui para o Rio de Janeiro, e sempre que podia me encontrava com ela, ela tinha um grande carinho e uma grande ternura por mim, como eu tenho por ela. Além de carinho, tenho uma eterna gratidão².

Os cursos, os ensaios de música e danças populares brasileiras, além das palestras e exposições sobre o Brasil, contribuíram para a difusão de muitas referências culturais brasileiras na Argentina. As apresentações culturais ensaiadas ao longo dos meses eram precedidas por estudos e pesquisas sobre essas referências, trocas de experiências e oportunidades para um convívio afetivo

2 Depoimento de Isabelita dos Patins, Rio de Janeiro, 13 de julho de 2023.



que extrapolaram os três anos em que Maria Thetis Nunes viveu na Argentina, como é possível observar no depoimento. Do mesmo modo, essas experiências a impactaram, ao ponto de confidenciar em uma de suas crônicas: “uma bela e útil experiência a que vivi nos imensos pampas argentinos, a maior desde que deixei a Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. Permitiu-me ter uma visão global, de fora para dentro, do meu país e acreditar em seu futuro e importância na América Latina” (NUNES, 1965, p. 1).

Considerações finais

A aproximação com algumas das Museologias mobilizadas por Maria Thetis Nunes ao longo de sua trajetória contribuiu para sinalizarmos a necessidade não apenas de afirmação de sua atuação neste campo do conhecimento, mas compreender com maior cuidado as suas escolhas e ambiguidades. A museóloga e historiadora oscilou entre performances museais compromissadas com o esquecimento e performances museais afetivas (BULHÕES, 2017), tornando-se um convite para a problematização de Museologias plurais.

Nosso intuito consistiu em apresentar uma outra chave de leitura que propicia reconhecer a necessidade de adaptação de perspectivas museais e museológicas, em decorrência dos nomadismos e contextos. Isso é relevante quando percebemos que a aproximação com uma concepção mais normativa de Museologia, em decorrência de sua longa atuação na presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe entre 1972 e 2003, especialmente no Museu Galdino Bicho e na Pinacoteca Jordão de Oliveira (BRITTO; DANTAS; SANTOS JÚNIOR, 2018), contribuiu de algum modo para silenciar suas críticas anteriores a essa perspectiva museológica e as suas ações que evidenciaram performances museais mais inclusivas.

É importante lembrar, por exemplo, os impactos que a obra *Museus para o povo*, de autoria de José Valladares (1946) tiveram na vida de Thetis Nunes, por ela citada nominalmente no intuito de “chamar a atenção para as possibilidades de democratização da cultura que se encerram nos museus” (NUNES, 1968, p. 1), concluindo



que eles, “ao lado das exposições, das exibições cinematográficas, dos concertos, realizam um trabalho relevante de dinamização da atual conjuntura social brasileira e, no nosso caso, de Sergipe” (p. 1). Também é oportuno destacar a importância de investigar como o pensamento de Mário Barata e de outros intelectuais do campo dos museus, em especial dos museus de arte e da educação em museus, comparecem em sua produção intelectual e impactaram sua atuação profissional.

Museus e Museologias são plurais e estão em constante transformação, assim como os profissionais que atuam nesse campo do conhecimento. A trajetória de Maria Thetis Nunes e as Museologias que mobilizou atestam esse argumento. Esperamos que este ano dedicado ao seu centenário de nascimento inspire vigilâncias comemorativas no intuito de localizar outros indícios de sua atuação no campo museal e compreender como as diferentes Museologias a afetaram e, em alguma medida, também por ela foram afetadas.



Referências

- ABREU, Regina. Emblemas da nacionalidade: o culto a Euclides da Cunha. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ano 9, n. 24, p. 66-84, fev. 1994.
- ALBUQUERQUE, Samuel. Thetis, a montanha e as moscas (II). *Jornal da Cidade*, Aracaju, 29 abr. 2023, p. 8.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 21, 1998.
- BARATA, Mário. A importância do museu para o estudo e a difusão das artes. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 9 maio 1959, p. 8.
- BRITTO, Clovis Carvalho. “Lembrete perene a recordar aos governos um dever irrevogável”: as vigilâncias comemorativas do Centenário da Independência em Goiás e a pedra fundamental da futura capital do Brasil. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 56, p. 1-23, 2022.
- BRITTO, Clovis Carvalho. “*Nossa maçã é que come Eva*”: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil. Tese (Doutorado em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2019.

BRITTO, Clovis Carvalho; DANTAS, Rafael Jesus da Silva; SANTOS JÚNIOR, Roberto Fernandes dos. *Sob os véus de Mnemosyne: a imaginação museal de Maria Thetis Nunes*. São Cristóvão-SE: Editora UFS, 2018.

BRITTO, Clovis Carvalho. A museóloga Thetis Nunes e os “silêncios da história”. *Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio*, Rio de Janeiro, p. 1-12, 2014.

BRULON, Bruno. Pensar o pensamento museológico brasileiro: um olhar retrospecto para a Museologia. In: LEMOS, Eneida Braga Rocha de; COSTA, Ana Lourdes de Aguiar (Orgs.). *200 anos de Museologia no Brasil: desafios e perspectivas*. Brasília: Ibram, 2018.

BULHÕES, Girlene Chagas. *Museus para o esquecimento: seletividade e memórias silenciadas nas performances museais*. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

CHAGAS, Mario de Souza. *Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

DANTAS, Ibarê. *História da Casa de Sergipe (1912/2012)*. São Cristóvão: Editora da UFS, 2012.

FRAGATA, Thiago. Maria Thetis, museóloga sim! *Divirta-se*, Aracaju, Ano 1, n. 6, nov. 2009.

HEYMANN, Luciana Quillet. Cinquenta anos sem Vargas: reflexões acerca da construção de um “legado”. *XXVIII Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, dez. 1993.

NUNES, Maria Thetis. O Brasil Nação, de Manoel Bonfim, na historiografia brasileira. *Separata dos Anais da XVII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)*, 1997.

NUNES, Maria Thetis. Horácio Hora, o esquecido pintor romântico. *Gazeta de Sergipe*, Aracaju, 17 set. 1974.

NUNES, Maria Thetis. Levemos a cultura ao povo. *A Cruzada*, Aracaju, 4 maio 1968.

NUNES, Maria Thetis. Minha experiência na Argentina. *A Tarde*, Aracaju, 11 dez. 1965.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. *Fundo Maria Thetis Nunes – Arquivo do IHGSE*. Texto de apresentação do Catálogo, Aracaju, 2014.



ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. O Centenário de Maria Thetis Nunes (1923/2009). *Jornal do Dia*, Aracaju, 3 maio 2023.

SÁ, Ivan Coelho de. *Matrizes do pensamento museológico de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2018.

SÁ, Ivan Coelho de. História e Memória do Curso de Museologia: do MHN à Unirio. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 39, p. 10-42, 2007.

SÁ, Ivan Coelho de Sá; SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus – MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2007.

SANDES, Noé Freire. *A invenção da nação: entre a Monarquia e a República*. 2 ed. Goiânia: Editora da UFG, 2011.

SANTOS, Maria Nely. *Professora Thetis: uma vida*. Aracaju: Gráfica Pontual, 1999.

SEOANE, Raquel Villagrán Reimão Mello. *A reforma de 1944 do Curso de Museus – MHN e o perfil do conservador de museus na Era Vargas: os reflexos da política nacionalista e as transformações na área dos museus*. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

VALLADARES, José. *Museus para o povo: um estudo sobre museus americanos*. Salvador: Museu do Estado da Bahia, 1946.



